

A construção escolar do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje, amanhã

Francisco das Chagas de Souza

INTRODUÇÃO

O ensino de Biblioteconomia no Brasil tem sido ora tratado como objeto principal e ora tratado de forma secundária em textos descritivos que pretextam análise histórica¹.

Tais descrições têm-se limitado ao repasse de fatos "e datas, de forma geral, distanciados de uma contextualização política, ideológica, econômica e educacional. Em face disso, pode-se dizer que tais estudos terminam por situar o ensino de Biblioteconomia como aparentemente voltado para si mesmo, isolado, sem a capacidade de reagir aos fatos estabelecidos na sociedade pelo jogo de forças políticas e sociais e, por consequência, das outras forças, as de caráter econômico e ideológico.

Isso ocorre na medida em que uma pretensa discussão sobre o ensino da Biblioteconomia tem sido realizada divorciada da noção objetiva da própria Biblioteconomia, ou seja, limita-se a dar conta dos aspectos mecânicos e funcionais da atividade profissional do bibliotecário e isola o que poderia ser uma preocupação mais comprometida com a compreensão de seu objeto.

Ao nível de uma discussão mais ampla, pode-se afirmar que existem, identificáveis na literatura especializada da Biblioteconomia, duas vertentes. Para uma delas, a Biblioteconomia tem como objeto o que se pode denominar de organização documental, que diz respeito diretamente aos métodos, técnicas, e processos através dos quais são organizados materialmente a biblioteca como um todo, suas coleções e todo e qualquer acervo material que resulte em forma de impressos gráficos, fotográficos, xilográficos etc².

Essas atividades decorrentes da organização documental têm sido, a nível prático, o que vem identificando o produto do trabalho do bibliotecário e para elas o ensino de Biblioteconomia no Brasil tem, ao correr deste século, canalizado a maior parte de seus esforços, dando absoluta prioridade na organização e ministração das disciplinas correspondentes e chamando a estas disciplinas de conteúdo técnico do curso.

Ao contrário disto, e não negando a importância de partes deste conteúdo, a outra vertente compreende que a Biblioteconomia tem como objeto de ação o indivíduo para quem se organiza todo o esforço de construção dos sistemas documentais e dá a esse objeto de ação a denominação de usuário. E quando esta segunda vertente fala em usuário como objeto da Biblioteconomia, fala da absoluta necessidade de transferir ao aluno de Biblioteconomia uma série de saberes que lhe permita uma assimilação mais realista desse objeto.

Nesse sentido, coloca como disciplinas indispensáveis aquelas derivadas das ciências sociais e humanas, tais como Sociologia, Psicologia, Política, História, Filosofia e Linguística. E assim o faz por entender que esse aluno, futuro profissional, precisa construir uma compreensão das relações sociais e pessoais historicamente determinadas, bem como compreender os modos e os processos de como ocorrem as mútuas e múltiplas relações entre os indivíduos, as coletividades e como se dá a formação das mentalidades coletivas, pois só assim aquele futuro profissional seria sensível a responder mais adequadamente às angústias do usuário³. Para esse conteúdo os professores de Biblioteconomia ainda tendem a reservar a denominação teórico.

A análise da evolução dessas duas vertentes no ensino da Biblioteconomia no Brasil, do ponto de vista do compromisso político-social e da direção ideológica - desde quando foi criado, em 1911, o primeiro curso de Biblioteconomia no país, na Biblioteca Nacional - é que parece continuar carente de investigações mais profundas, embora consubstanciadoras de um novo caminho para os cursos de Biblioteconomia.

O DISTANCIAMENTO DO PROFISSIONAL

A pouca intensidade com que se tem buscado compreender as questões relacionadas ao compromisso político-social e às diretrizes ideológicas intervenientes no ensi-

Resumo

Discorre sobre a atuação da escola de Biblioteconomia brasileira em sua atividade de formação de recursos humanos. Observa que os conteúdos ministrados centram-se no objeto de trabalho: organização documental, não dando a mesma importância ao objeto de trabalho: usuário. Com isso, o profissional fica distanciado da realidade contextual do restante da sociedade. Aponta como saída um esforço a ser desenvolvido pela escola de Biblioteconomia no sentido de transformar, a partir de um amplo debate, a imagem do profissional bibliotecário.

Palavras-chave

*Ensino de Biblioteconomia/Brasil;
Formação profissional do bibliotecário.*

no de Biblioteconomia no Brasil vem fazendo com que não se construa uma visão crítica do trabalho realizado pelos profissionais bibliotecários. E, em parte, essa pouca intensidade de análise é verificada como resultado de que as lideranças da profissão ainda formadas predominantemente pelos executivos técnicos estão muito preocupadas com minúcias operacionais circunscritas ao seu dia-a-dia⁴.

Assim, ao aceitar esse direcionamento, desprezando a análise de aspectos que interferem profundamente no ensino da Biblioteconomia, a escola de Biblioteconomia divorcia-se de seu papel primordial de formuladora de conhecimento. Em decorrência disso, toma-se incapaz de injetar no processo de ensino-aprendizagem novas ideias e novos saberes que possam, a médio e longo prazos, criar condições de influir positivamente na melhoria do ensino que ministra.

Esse quadro foi possível de ser parcialmente detectado quando fiz, em 1988, a pesquisa *Momentos marcantes da Biblioteconomia no Brasil*, posteriormente publicada em forma de livro com o título de *Ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*⁵. Através deste trabalho pode ser conhecido que a criação do primeiro curso de Biblioteconomia no país foi cercada de influências europeias, que a criação do segundo curso - em 1937 - foi cercada de fortes influências americanas, que a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) - em 1954 - e de seu Curso de Pesquisas Bibliográficas - em 1955 - foi cercada de ideias derivadas do americanismo desenvolvimentista e dos compromissos políticos e económicos brasileiros em torno das ideias de progresso económico, progresso social e progresso da educação e cultura, decorrentes das ideias vendidas por organismos americanos e internacionais, como a Unesco. Também foi possível conhecer, ainda naquele trabalho, que a criação do primeiro curso de mestrado relacionado com a Biblioteconomia no país - em 1970 - denominado Mestrado em Ciência da Informação, no IBBDD, foi consequência de sugestões de uma comissão internacional envolvendo o CNPq e a Usaid, visando à melhoria da infra-estrutura existente no país para a busca do desenvolvimento industrial⁶.

São fatos dessa ordem que, por não terem sido objeto de análises mais depuradas, e por não interferirem profundamente no ensino da Biblioteconomia no Brasil, recomendam a atenção em torno de estudos mais estritos do compromisso político-social e da ideologia que intervém no ensino da área. Pois, a partir disso, pode-se imaginar, será possível esperar algumas ex-

plicações ainda que parciais e carentes de outros tantos estudos possíveis de subsidiar os esforços para o estabelecimento de uma identidade para a prática profissional da Biblioteconomia no Brasil.

Outro fato relacionado, e mais diretamente ao ensino, diz respeito a apreensão que se possa fazer de quais foram, como foram e por que foram empregados certos métodos, técnicas e materiais de ensino, ao longo do tempo, na formação do bibliotecário brasileiro e de como a escola encarou isso.

Na medida em que o ensino da Biblioteconomia esteve, durante a maior parte do tempo, nas mãos dos técnicos que tinham como principal *locus* de trabalho a biblioteca, é possível que tenha ocorrido, neste ensino, a condução a uma presumida objetividade que estaria refletida nos métodos, nas técnicas e nos materiais didáticos direcionando parte importante da carga horária e das atividades no rumo dos chamados conteúdos técnicos. Aliás, a predominância desse tipo de conteúdo é manifestada nos dois currículos mínimos oficiais, aprovados pelo Conselho Federal de Educação, um vigente de 1962 a 1983 e o outro alterando-o apenas formalmente e aprovado em 1982, para implantação a partir de 1984⁷.

Esse direcionamento à objetividade, enfatizado pela ministração de conteúdos técnicos, está umbilicalmente ligado ao propósito da vertente da Biblioteconomia que tem como objeto a organização documental. Sua origem no Brasil remonta ao modelo americano implantado desde 1937. Ele, pelas suas características de como se desenvolveu no país, provocou o desconhecimento da figura do usuário ou retardou a aceitação da ideia deste como centro de todo o processo da organização bibliotecária. Assim, todo o enfoque era dado no sentido da organização conveniente da biblioteca ou do serviço de informação. Desde que todas as técnicas bibliotecônicas tivessem sido seguidas, era entendido que o profissional havia cumprido com o seu dever e realizado a totalidade das obrigações profissionais que tinha com a sociedade.

Essa postura seguida no Brasil, conflitante com o modelo original anglo-saxão que vê na figura do bibliotecário também um educador⁸, encontra raiz em um passado franco-luso-brasileiro materializado nos Gabinetes Portugueses de Leitura⁵. A ruptura desse perfil passou a ser feita no início dos anos 70 deste século⁹ e se deu como decorrência de uma mais intensa interação de professores de Biblioteconomia brasileiros com a realidade anglo-européia e americana, especialmente quanto

à forma de tratamento que era dada ao usuário.

Há indícios⁹ de que a partir dessa época o termo usuário de biblioteca e usuário de informação passou a ser assimilado pelos bibliotecários brasileiros, sobrepondo-se ao termo leitor.

Aparentemente, o termo leitor está diretamente associado à vertente identificada com o objeto organização documental, na medida em que esta tendia a ver no leitor um indivíduo para o qual a biblioteca emprestava os livros que ele solicitava, quando ela os tinha. Não existia, virtualmente, outra relação entre a biblioteca e o leitor que extrapolasse uma relação de compra e venda, uma relação de balcão, uma relação que girava em torno de um produto indivisível, isto é, em torno do livro.

Para a outra vertente cujo objeto é o usuário, não é satisfatório que o limite da relação usuário e biblioteca se encerre na clausura de uma operação de balcão, ou de uma simples operação de compra e venda. Sua pretensão é que a operação se assemelhe mais a uma operação de auto-serviço, avançando então para a consulta, o aliciamento intelectual e pessoal, a conquista de interesse, o mútuo convencimento, a busca conjunta e amistosa de soluções etc. não apenas em torno de um produto indivisível - o livro -, mas, fundamentalmente, em torno de múltiplas facetas de produtos, ou melhor, em torno da informação que pode estar em capítulos de livros, artigos, partes de artigos, parágrafos, citações etc¹⁰.

Sob uma visão macro do que representa o trabalho do profissional de Biblioteconomia, - o ensino deveria dar conta disso -, ambos objetos não são excludentes. Apenas encerram diversidade de compromisso político-social e admitem diversa diretriz ideológica. Na primeira vertente - da organização documental - observa-se muito mais uma postura de individualismo e isolamento que na segunda - centrada no usuário - cuja postura se assenta numa visão de coletivo, de social.

COMO VÊEM A PROFISSÃO

Há um conjunto ainda reduzido de trabalhos que tratam, de uma forma preliminar ou acessória, de questões que levam a uma apreensão do nível de compromisso político-social e dos contornos ideológicos associados à atividade profissional do bibliotecário¹¹. Esses contornos ideológicos e esses níveis de compromisso político-social aparentemente são resultantes da forma como se dá o ensino de Biblioteconomia no Brasil¹².

O livro já anteriormente citado de *Ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*⁵ apresenta um subcapítulo que se refere às autocríticas feitas pelos próprios bibliotecários e às críticas externas feitas por profissionais de outros campos. As seis partes em que o subcapítulo se divide refletem bem o modo como a biblioteca e seu profissional se inserem na realidade brasileira. Cada uma das partes trata de um aspecto, e os aspectos levantados são os seguintes: a formação generalista do bibliotecário; o tecnicismo do bibliotecário; a falta de bibliotecas organizadas para o atendimento às periferias urbanas e sociais; o distanciamento que ocorre entre o bibliotecário, a biblioteca e a população, o que leva esta última a não saber identificar ou conceituar biblioteca e bibliotecário; a situação de maus leitores representada pelos alunos de Biblioteconomia e, por fim, mas não menos importante, o distanciamento que se verifica entre a biblioteca e a realidade brasileira¹³. A fundamentação da discussão em torno desses aspectos foi buscada em analistas da própria Biblioteconomia e também em interessados atuantes em áreas correlatas conforme se pode ver pela relação que se segue: Fonseca, Tarapanoff, Moraes, Martins, Vargas, Melo, Schwartzman, Pinto, Souza, Targino, Rocco e Veiga.

De outro lado, entre os autores que se esforçam em assumir uma postura mais crítica a esse respeito, nota-se uma preocupação com o aspecto da estreiteza das opções de formação do bibliotecário. Suzana Mueller está entre os que observam que "a estrutura de formação profissional legalmente aceita, que permite como porta de entrada apenas o curso de graduação em Biblioteconomia, não pode, sozinha, preparar profissionais para todas as áreas consideradas de atuação da classe"⁸.

Por um outro caminho, Anna da Soledade Vieira e Isis Paim¹⁴ também abordam o problema abrindo espaço, em sala de aula, para a discussão envolvendo estudantes de graduação em Biblioteconomia e membros da comunidade. Por esse meio, tentam pôr em contato proveitoso usuários representativos de diversos segmentos de trabalho com os estudantes. Neste fórum, os alunos são direcionados a perceber um horizonte mais amplo de sua inserção político-social e têm chances de compreender os estereótipos ideológicos com os quais convivem.

Apesar disso, ainda é de ressaltar-se que os trabalhos existentes em relação à temática são quantitativamente limitados e qualitativamente estreitos por sua abordagem.

Mesmo assim, não se pode deixar de destacar o grande esforço na busca de

explicações teóricas que vem sendo compreendido por Solange Puntel Mostafa¹⁵. Através dela descobre-se a necessidade que têm os profissionais de Biblioteconomia de apreender noções fundamentais dessa matéria. E isso se toma cada vez mais uma exigência, na medida em que a literatura da Biblioteconomia persiste em enfatizar os aspectos mecânicos e funcionais do uso e aplicação das técnicas resultantes do objeto organização documental.

O HOJE DA PROFISSÃO NO BRASIL

Se podemos considerar as partes prece-dentes deste trabalho como um propósito de diagnóstico sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil, não podemos deixar de observar que essa visão predominantemente dirigida à organização documental é que dá fundamento e sustentação teórica à maioria absoluta dos bibliotecários brasileiros. Desse modo, salvo uma pequena parcela que pode ser vista como exceção, os praticantes da profissão de bibliotecário no país estão fundamentalmente carecendo de reciclar suas bases para inserir-se em novo rumo - que mostra o usuário como razão de ser sua ação.

A considerar significativa a análise de Aldo Barreto¹⁶ apresentada em artigo recentemente publicado na *Ciência da Informação*, não deixa de ser séria evidência do atual nível de atuação do bibliotecário brasileiro, mesmo do mais atualizado, a sua seguinte observação, que se segue às caracterizações abaixo:

Caracterização 1

"Entendo por indústria de informação todos os segmentos ou atividades relacionadas com a produção de estoques de informação - processamento e reprocessamento, a organização, o armazenamento e a recuperação da informação(...)"

Caracterização 2

"Entendo por indústria de transferência da informação todos os segmentos ou atividades relacionadas com a produção do conhecimento - disseminação, acesso, uso e assimilação da informação(...)"

Observação

"A indústria de informação isoladamente não produz conhecimento. Produz estoques de informação organizada para uso imediato ou futuro".

Na verdade, essa expressão de Barreto ressalta justamente que a nossa tão em voga indústria da informação não é outra coisa senão a versão moderna e tecnologicizada da biblioteca. E ainda em seu artigo apresenta a razão para isso, que está centrada no racionalismo técnico.

"(...) a indústria de informação, ao produzir seus estoques, orienta-se por uma racionalidade da técnica, utilizando um instrumental bem definido no processamento (geração) e no reprocessamento, armazenamento e recuperação da informação".

"(...) privilegia os princípios que buscam a produtividade de seus arquivos e a eficácia de suas operações".

Ao insistir nesses aspectos, Barreto chega ao seguinte entendimento:

"A formação de recursos humanos no Brasil,... tem se ocupado principalmente em criar competência de recursos humanos para a indústria de produção de informação, isto é, formar profissionais para gerenciar e otimizar a formação de estoques de informação organizada para o consumo".

Esse ponto da realidade decorre da má leitura de contexto feita ao longo dos últimos 25 anos pelas lideranças da categoria, na medida em que não perceberam os rumos da nova ordem econômica internacional e seu reflexo no país. Em consequência disso, permaneceu a ênfase na organização documental, o que leva Barreto a afirmar que:

"A tradicional busca da ordem na indústria de informação vem provocando um certo grau de desordem na transferência e assimilação dessa informação(...)"

ou ainda que:

"A formação de profissionais no Brasil tem priorizado o setor de formação de estoques de informação".

No contexto em que o debate é posto, ou seja, sobre o hoje da profissão de bibliotecário no Brasil, não há de fato o que contestar da análise. O que se verifica é que a má leitura de contexto levou a uma situação, também apanhada por Aldo Barreto, da criação involuntária no Brasil de uma base importante para sustentar a indústria transnacional de informação, na qual, como em qualquer outro ramo, o profissional formado no país vem a funcionar como um mero executor de normas e regulamentos, sem, no entanto, tê-los criado, ou até não tendo competência para fazê-lo. Como

constata Barreto, o modelo de formação profissional adotado no Brasil:

"(...) é explicável pela transnacionalização da indústria de informação em ciência e tecnologia que procura sedimentar mercados, repassando normas e padrões adotados internacionalmente".

Essas observações do autor citado encontram reforço no trabalho de Maria Néli-da G. Gomez¹⁷ quando faz uma análise do objeto de estudo da Ciência da Informação.

Desse modo, não é de estranhar que a uma apreciação não muito positiva da profissão do bibliotecário brasileiro, feita pelo pesquisador Simon Schwartzman em 1987, a reação mais visível tenha sido um artigo de Helena de Miranda Rosa e Souza¹⁸, na edição de número 2 de 1990 da revista *Ciência da Informação*, em que, além de uma resposta passional e emotiva, demonstra um distanciamento de autocritica e isenção.

Tais reações ocorrem na medida em que os marcos profissionais do bibliotecário no Brasil, quando existem, não são vistos diante de um contexto de sociedade, mas tão só e estreitamente de um contexto da própria categoria profissional, como se ela própria se bastasse e nada tivesse a dever à sociedade.

PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO PARA O FINAL DO SÉCULO

Esse ponto da discussão coloca mais uma vez em perspectiva a educação pela qual passam os futuros bibliotecários. Na medida em que a escola for mais eficaz na transmissão de valores adequados à produção de respostas positivas para a sociedade, tanto melhor e tanto mais largamente será reconhecido o profissional bibliotecário.

Entretanto, a discussão hoje em todo o mundo não se encerra simplesmente em desenhar um perfil. O que se observa nas últimas décadas é o crescimento ilimitado da informação e das próprias áreas profissionais, inviabilizando a permanência de referenciais profissionais por muito tempo.

Provavelmente, a verdade é que o perfil do bibliotecário desenhado neste ano de 1991 para orientar a formação de bibliotecários esteja superado em dois ou três anos fazendo com que a realidade do exercício profissional corra mais rápido que a possibilidade da escola em lidar com a mesma atualidade. Profissões derivadas de outras áreas vem surgindo dia a dia, e mesmo na Biblioteconomia observa-se que um sem

número de subprofissões é possível de ser segmentado¹⁹. Mas, além disso, há também a multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade que, em conjunto, destroem, na prática, perfis profissionais, na medida em que respondem a exigência do mercado. E o mercado enquanto razão de ser das próprias profissões não dispõe de mecanismos que possam respeitar rigidamente os limites do conhecimento de cada profissional. Por isso, nesse mercado, sobressaem-se os profissionais mais criativos e hábeis o suficiente para poder produzir além daquilo que a escola compartimentaliza e formaliza como currículo.

Contrariamente a esse processo de formação profissional centrado em currículos quase fechados, que responde a uma ritualização da erudição, está cada vez mais sendo salientada a pesquisa. Everett Reimer²⁰ afirma que:

"O impacto maior da pesquisa sobre os estudantes se manifesta através de seu efeito sobre o currículo. (...) Na Noruega, pensa-se seriamente em declarar nulo qualquer diploma recebido há mais de cinco anos. O único mérito do problema é que tardiamente reconhece uma antiga verdade — a de que os diplomas têm pouca ou nenhuma validade. O raciocínio, todavia, é de que conhecimentos com mais de cinco anos não são válidos (...) A verdadeira educação, é claro, é um processo que dura a vida inteira. Porém, real educação e real pesquisa são também processos contínuos e inter-relacionados. Pesquisa e educação genuínas integram o novo no volume muito maior do antigo, o que somente pode ser feito no curso do trabalho, na própria descoberta e aplicação do novo".

Tendo em vista esta abordagem, trataremos a seguir de aspectos que vêm sendo objeto de discussão a nível internacional sobre o contexto em que poderá se desenrolar a atividade do profissional ligado à indústria de informação e dos possíveis reflexos que isso trará sobre o trabalho da preparação de recursos humanos no Brasil nesta área.

O MERCADO

Poder-se-á discutir esta questão de diversos ângulos, e qualquer um deles efetivamente trará aspectos relevantes. Pode-se discutir o mercado da informação científica e técnica, o mercado da informação cultural, o mercado da informação social e comunitário, além de outras adjetivações de mercado. Em todos eles, certamente, é possível sentir o que é real, geralmente

uma parcela muito pequena de seu universo, e o que é potencial, na maioria dos casos a proporção maior de seu universo. Discutamos, porém, a partir do real.

Na recente conjuntura internacional, privilegiadora das sociedades voltadas para a razão econômica como centro de qualquer decisão política, tem-se verificado o posicionamento da informação como um importante recurso de produção. Decorrente disso, passa a predominar uma intensa preocupação com a informação científica e técnica. Para essa informação, em anos recentes, têm sido canalizada uma parcela importante de recursos da sociedade, seja na forma de recursos do Estado, seja na forma de recursos privados. Mas isso parece ter sido feito de forma desigual, privilegiando-se o princípio da competitividade. Ou seja, parte-se do princípio de que, ao investir-se mais em informação (uma matéria-prima), conquista-se mais mercado, ao se conquistar mais mercado, inovam-se tecnologias de armazenamento e transferência de informação e reduzem-se custos operacionais. Exatamente esse princípio, embasado na competição comercial e industrial, vem *provocando um* desequilíbrio fundamental no mercado internacional de informação científica e técnica, fazendo surgir projetos, na Europa, que têm exigido investimentos financeiros vultosos na tentativa de contrabalançar o poderio americano a *nível internacional*.

A respeito disso, recente documento da Comissão da Comunidade Europeia²¹ informa que:

"A comunidade inaugurou (...) um programa inicial de dois anos, abrangendo 1989-90, destinado a incentivar o mercado (...) de serviços de informação (...)" e que no final de 1989 estava planejando "a ampliação deste programa através de um novo programa de cinco anos (...) que abrangerá o período de 1991 até 1995, tendo por objetivo promover o desenvolvimento de mercado europeu da informação"

Dentre vários outros pontos, o documento é enfático ao afirmar que "a indústria da informação será uma componente importante, em potência, do futuro peso comercial da Europa. A CCE considera que a atual posição da Europa, no mercado mundial de serviços de informação, é consideravelmente mais fraca do que deveria ser. Por exemplo, o contributo europeu constitui atualmente 1/6 do mercado global de serviços de informação em linha, embora fosse normal esperar o dobro desse valor". E mais adiante afirma que:

"Para além das considerações econômicas óbvias, existe um outro moti-

vo, mais importante, por que deveria ser dada, como política de atuação, uma atenção especial à indústria da informação: a dependência de agências externas no respeitante a recursos e serviços essenciais colocará a Europa, a longo prazo, numa posição vulnerável comercial e estrategicamente. Informação é poder, e o controle da indústria da informação é uma fonte de poder que não podemos permitir se torne largamente não europeia".

Desse modo, o que se observa é um mercado que se define e se posiciona, não somente em termos estritos, ou seja, não enxergando apenas o ângulo econômico, mas, sobretudo, em termos de sobrevivência enquanto sociedade civilizada e desenvolvida. E toda a postura do discurso é uma postura resultante de leitura de contexto. Um ponto importante do documento a ressaltar esse aspecto expõe o seguinte:

"(...) a dependência de agências externas para o fornecimento de serviços da informação conduzirá a Europa, a longo prazo, a uma posição culturalmente subserviente".

Esse tipo de afirmação, de natureza política, pode ser complementado com dados de recentes entrevistas obtidas pela equipe da revista *Ciência da Informação* (do IBICT) e publicados em 1991, em número monográfico sobre a informação industrial²².

Foram entrevistados, na Europa, os senhores K. Ingemann Pedersen, consultor do Danish Technological Information (DTO), da Dinamarca, e Paul Degoul, diretor da Agence Regionale d'Information Scientifique et Technique (*Arist*), da França. Em ambos os casos o que se percebe é uma linguagem inteiramente comercial, em que se fala em clientela, visitas a empresas, análise de mercado, auditoria de informação, elaboração de produtos de informação com alto valor agregado, dentre outros termos. Também apresentam metodologias para cálculo de custos de serviços e quantificação de clientela, que é sempre majoritariamente privada, nos dois institutos referidos.

Nesse sentido, precisamente nesse sentido, é que se fala de mercado. Um mercado que existe, mas que sobrevive em função das decisões políticas de uma sociedade que é sensível ao seu próprio futuro.

Nessas circunstâncias, mesmo que se tenha abordado a questão do mercado da informação científica e técnica, outras informações também circulam e são reco-

nhecidas e valorizadas dentro da sociedade em questão. Neste momento, omitirei a análise específica do mercado da informação do ângulo americano, na medida em que, num certo sentido, esse documento da Comissão da Comunidade Europeia já o faz, pois, ao expressar-se quantitativamente, expõe um contraponto sobretudo com os Estados Unidos.

De outro lado, falar de mercado real da informação no Brasil é quase uma utopia, se nos detivermos em organizações ligadas à ação direta do bibliotecário. Entretanto, se o fizermos de modo a abranger uma visão mais larga, é evidente a existência desse mercado, sobretudo operado por consultores econômicos. No mercado específico da informação científica e técnica, essas ações são ainda limitadas e restringem-se a experiências de empresas como a *Data-line* e *Promon* é ao trabalho de caráter público das associações de empresas industriais, do *Sebrae* é da Rede de Núcleos de Informação Tecnológica do PADCT.

Assim, pode-se dizer que o mercado da informação científica e técnica no Brasil atravessa nesse momento um estágio embrionário já vivido há mais de 30 anos na França e na Dinamarca. De outro lado, no que tange a um mercado para as informações culturais e de natureza social e comunitária, ainda não se verifica hoje qualquer ação mais concreta, especialmente do governo, que é o principal responsável pela instalação, manutenção e dinamismo desses pólos de atendimento à população.

O POTENCIAL DO MERCADO

Poder-se-á dizer que o mercado pode ser potencializado na medida em que se dispõe dos bens para levar até ele. Mas também é verdade que anterior a uma potencialização já há um espaço de latência ao qual se deverá reservar alguma atenção.

O que se tem verificado, notadamente nas entrevistas de Pedersen e Degoul, ambas voltadas para o mercado de informação científica e técnica, é a aplicação de sofisticadas técnicas de negócios para manter e ampliar o mercado, especialmente por trabalharem com os setores industriais de seus países.

Assim, em termos de potencialização, o DTO opera com base na boa qualidade de seus serviços e o *Arist* opera a partir de uma forte estratégia de *marketing* composta de segmentação e identificação da clientela.

De outra maneira, ambos os institutos aplicam fórmulas para transformar o mercado latente em mercado real. Nesse sentido, o DTO visita empresas, identifica prováveis

clientes através de leituras de jornais e através de um telefone livre de taxas (disque grátis). O *Arist* faz praticamente a mesma coisa. Em ambos os casos, isso lhes permite atingir o objetivo de ampliar e manter o mercado, a ponto de o *Arist* ter entre sua clientela 80% de firmas conquistadas a partir de sua iniciativa e apenas 20% que a ele se dirigiram a partir de suas próprias iniciativas.

Isso deixa claro que o serviço que se quer vender não depende simplesmente de sua existência, mas que a isso deve ser adicionado ao seu alto nível - pois deve tê-lo — um esforço criativo e construtivo de vendas, a fim de promover, mais que o interesse do cliente, a certeza de que ele será recompensado plenamente pelo investimento feito, desde que use adequadamente o produto vendido.

A potencialização do mercado, ou o desvelamento de sua latência deve ser um objetivo permanente a ser perseguido, na medida mesma em que essa ação tem um caráter correspondente ao objeto usuário da informação.

AS QUALIDADES PROFISSIONAIS E PESSOAIS DESEJÁVEIS

A análise desse tópico pode levar a uma primeira compreensão de que se trata de construir um perfil para o bibliotecário. Entretanto, não desejo tratar a questão assim de modo tão dirigido. Parece-me que o tema pode sofrer diversas abordagens, embora o fundamental seja mais abrangente e passe pela leitura que se possa fazer de uma profissão estagnada secularmente por suas rotinas e, mesmo ao sofrer a penetração das modernas tecnologias de registro e transmissão da informação, ainda assim tem sido incapaz de alterar seus procedimentos básicos, executando-os tal qual no início do século.

A esse respeito Ann Prentice²³, transportando para as bibliotecas as discussões e experiências que se fazem hoje relacionadas ao papel das novas tecnologias, na redefinição dos cargos e do funcionamento das instituições, encontra que a estrutura organizacional da biblioteca e a maioria de suas rotinas mudou quase nada em mais de um século. É evidente que isso também causa prejuízos à sistemática de treinamento dos recursos humanos. E disso pode-se deduzir que as qualidades profissionais precisam romper a limitação concreta a que estão atrelados pelos fatores a seguir:

- a) o fato de a biblioteca ser pouco afeita a mudanças organizacionais, mesmo sob uma conjuntura de radicais mudanças tecnológicas;

b) o fato de a matéria-prima de trabalho principal do profissional bibliotecário ser formada por estoques de informação, conforme já se destacou do texto de Aldo Barreto¹⁶.

Estes dois fatores limitativos da qualidade profissional do bibliotecário ou do profissional da informação, admitindo-se aqui também a participação do não-bibliotecário, tenderão a ser superados a partir do desenvolvimento de qualidades pessoais de liderança. Como fazer isso, pode ser discutido mais profundamente. Entretanto, é algo fundamental para o futuro de uma atividade que enfoque a sociedade como centro de sua ação.

Sobre esse aspecto liderança, Susan Jurrow²⁴ escreveu um artigo que apresenta as competências que serão necessárias para quem deseja desenvolver papel de destaque na profissão bibliotecária. E começa seu artigo constatando que muitas instituições acadêmicas e de pesquisas, de grande porte, nos Estados Unidos estão buscando seus principais executivos fora da Biblioteconomia.

Essa constatação suporta, à primeira vista, para a realidade americana, uma crise importante do mercado de trabalho para o bibliotecário. Na verdade não é uma crise do mercado em si, e representa muito mais uma incompatibilidade entre a capacitação do recurso humano formado pela escola e as necessidades do próprio mercado.

Por isso mesmo é que a autora vê como saída um esforço conjunto das bibliotecas, associações profissionais e fundações financiadoras de desenvolvimento no sentido de criar oportunidades e desenvolver programas de treinamento específicos para a formação de lideranças profissionais dentro da área.

Diante disso, percebe-se que as questões estão sendo trazidas pela realidade. Diferiria a situação brasileira? Certamente não. Mas tem alguns agravantes que a tornam mais delicada. Por exemplo, o fechamento legal da profissão apenas para graduados em Biblioteconomia, a pouca atenção ao objeto de estudo usuário, o fato de o país ser dependente de quase todas as modernas tecnologias utilizadas nas sociedades avançadas, o baixo investimento em ciência e tecnologia; o pouco investimento em informação, a falta de tradição do pagamento de serviços de informação, o estado de obsolescência da indústria, dentre outros itens.

Além do mais, formar líderes profissionais pressupõe decisão política que teve ao seguinte: modernização da legislação; abertura de cursos de alto nível; interesse dos

profissionais em decidir que um percentual de seu contingente deve ser estimulado a ampliar estudos ou formação em áreas estratégicas para a categoria; definir quais são essas áreas estratégicas, em função dos mercados real e potencial; exigência de habilitação em pós-graduação para a ocupação de certos cargos técnicos e acadêmicos, ao menos nas instituições universitárias e de pesquisas; conquista de fundos públicos para as associações profissionais e para as escolas com a finalidade de garantir a reciclagem permanente de pessoal, entre outros.

Pois, se para ser líder, conforme sintetiza Jurrow, é necessário o desenvolvimento de um potencial de visão, o desenvolvimento da habilidade de envolver construtivamente os outros, o desenvolvimento do potencial de correr o risco calculado e o desenvolvimento de habilidades do exercício do poder, então imaginamos que isso não será conquistado, também no Brasil, sem que a categoria bibliotecária se posicione politicamente. E para isso, depende-se muito de como atuam as atuais escolas de Biblioteconomia.

A MANEIRA DE AGIR DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

Quero discutir esta questão situando-a no Brasil. E desejo fazer essa situação geográfica para deixar entendido que do comportamento da escola de Biblioteconomia brasileira derivará o papel ultrapassado (como o atual) ou o papel moderno a ser cumprido pela Biblioteconomia no Brasil.

E aqui entendo Biblioteconomia enquanto universalidade dos fatos relacionados com a produção, armazenamento, disseminação, transferência, reconstrução e transformação da informação. Nesse sentido, a Biblioteconomia é mais ampla que o que se denomina Ciência da Informação e embute os dois objetos de abordagem, que são a organização documental e o usuário, na medida em que pressupõe um conjunto importante de atividades técnicas e científicas e de ações político-administrativas para que os dois objetos se complementem efetivamente.

Isso faz supor, muito simplesmente, que a derrocada ou a ascensão da Biblioteconomia, enquanto campo de estudo e campo de trabalho técnico e acadêmico, está nas mãos da própria escola, principal forjadora da mentalidade profissional e da mentalidade de classe de seus egressos.

Em outros termos, a escola de Biblioteconomia precisa se reciclar. Mas reciclar-se como? Esta é a pergunta fundamental e de sua resposta dependerá o amanhã. Certo é que a sociedade não prescindirá de re-

cursos humanos para o trabalho com a informação. Não deixará de ter bibliotecários. Entretanto, ninguém nesse momento teria condições de afirmar se tais bibliotecários serão preparados nos moldes dos hoje existentes, ou se tais bibliotecários virão de outras profissões. Há evidências bastante razoáveis, notadamente quando se trabalha com informação científica e técnica e com informação cultural, de que profissionais com preparação anterior nos conteúdos dos campos que irão atender e um complemento de saberes técnicos da Biblioteconomia são muito mais produtivos e eficazes na busca, recuperação e assessoramento ao uso de informação que os profissionais com graduação exclusiva em nossos cursos²⁵. Por isso mesmo, qual será o amanhã para a escola de Biblioteconomia? Ou qual será o amanhã para os fazeres da escola de Biblioteconomia?

Aos que interpretarem que a discussão deve circunscrever-se a currículos, digo que isso seria simplista demais. Currículos, nesse caso, representam o menor detalhe. O pano de fundo disso é o bibliotecário tomar consciência — ou "cair na real", segundo gíria mais atual - de quem constitui o seu público e de que formas e com que pesos privilegiar seus dois objetos de trabalho. E essa discussão é maior que a escola de Biblioteconomia, embora esta devesse ser a indutora do processo de debate.

Sair de seus muros, romper com a torre de marfim do distanciamento acadêmico, desnudando-se de preconceitos e pré-concepções seria até um processo de renovação importante no ensino. Naturalmente, não valerá dizer aqui que as escolas cujo quadro docente é majoritariamente formado por professores de tempo parcial, já envolvidos com a realidade concreta lá de fora, como afirmam alguns, são menos academicistas e, portanto, compreendem melhor a realidade. Isso geralmente não vai além de uma falácia, na medida em que esses professores, geralmente grandes técnicos, estão primordialmente envolvidos com o dia-a-dia do objeto organização documental e não praticam o exercício da reflexão sobre suas atividades extradocentes.

Desse necessário debate, certamente começará a ser construída a ideia de que há equívocos historicamente identificáveis na formação do bibliotecário brasileiro. E tais equívocos, para serem rompidos, necessitam de posturas muito firmes e assentadas concretamente em extremos.

A TRANSFORMAÇÃO DA IMAGEM PROFISSIONAL

Se efetivamente a escola de Biblioteconomia for capaz de ser *sensível* à implementação das mudanças necessárias, ela não apenas deve liderar as mudanças, mas apontar os extremos a serem assumidos pela categoria na busca da formação de um bibliotecário adequado para o final do século.

Num primeiro momento, simplesmente com o sentido de representar elementos para um início de discussão, apresento abaixo os pontos, a meu ver, extremos que necessitam ser postos em análise.

O primeiro extremo seria transformar os hoje cursos de graduação em Biblioteconomia das universidades brasileiras e das várias faculdades isoladas em cursos técnicos de segundo grau.

O segundo extremo seria criar nas universidades programas de pós-graduação em Biblioteconomia, em condições de capacitar professores para esses cursos técnicos e também para atuar nos níveis de especialização, mestrado e doutorado em Biblioteconomia.

O terceiro extremo seria considerar em condições de frequentar especialização, mestrado e doutorado em Biblioteconomia apenas bacharéis nas demais áreas do saber e, durante um certo tempo, os remanescentes graduados em Biblioteconomia.

O quarto extremo seria considerar a extinção do Conselho Federal de Biblioteconomia transferindo seus poderes para as associações e sindicatos de bibliotecários e permitindo aos técnicos, especialistas, mestres e doutores em Biblioteconomia o registro profissional.

Naturalmente, muitos outros aspectos poderão ser postos em debate se se pretender produzir uma nova imagem para o profissional bibliotecário brasileiro. A visão multifacetada hoje existente, em que a sociedade tem dificuldade de distinguir o bibliotecário medíocre do bibliotecário competente, levando no outro extremo à completa ignorância da existência desse profissional²⁶, só será superada a partir de uma profunda mudança, capaz de gerar transformação. E para isso, repito, é necessária uma análise político-profissional por parte de toda a categoria.

CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi exposto ao longo do trabalho, o que se pode concluir é que o ensino de Biblioteconomia no Brasil vive um viés e que esse fato tem contribuído

para que a construção escolar do bibliotecário brasileiro seja fortemente concentrada nos aspectos da organização documental. Isso tem sido resultado de uma cultura profissional bibliotecária voltada para a estocagem de informação. Essa cultura, conforme se viu, atende a interesses internacionais e bitola a capacidade de criação dos nossos profissionais, na medida em que a escola de Biblioteconomia aceita e desenvolve seu ensino nessa direção.

Naturalmente, ficaram apontados os motivos porque a construção escolar do bibliotecário brasileiro, hoje, não é diferente. Na verdade, a escola continua a trabalhar na mesma perspectiva do passado e, inclusive, não parece ser capaz de fazer uma leitura do mercado e a análise de novas exigências.

Mas, de tudo isso, o que fica como preocupação é como será a construção do bibliotecário brasileiro de amanhã. Em razão disso, é que se deve perscrutar de forma muito realista as tendências do mercado bibliotecário brasileiro, pois estas é que determinarão os rumos da profissão, caso se considere que a profissão e seu profissional devem responder a exigências de mercado.

E por falar em mercado, é preciso que a escola de Biblioteconomia insira, de forma concreta, entre as suas prioridades de ensino, com a densidade necessária, os aspectos que levem o profissional bibliotecário brasileiro a dar a devida importância ao objeto de trabalho usuário. Mas não uma visão estereotipada de usuário, e sim o indivíduo, com as suas peculiaridades, em função de sua participação na realidade de nossa sociedade. Só assim, será possível a sobrevivência dessa profissão, embora com perfil provavelmente diferente deste de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

1. Alguns dos trabalhos existentes são:
DIAS, Antônio Caetano. *O ensino da Biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipase. Serviço de Publicidade, 1955. (Coleção Ipase, 2)
- FÍGUEJREDO, Nice, ed *O ensino de Biblioteconomia no Brasil*. Brasília: Capes, 1978. 3 v.
- FONSECA, Edson Nery da. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.
- MATTOS, Maria Antonia R. P. B. de. *Educação para Biblioteconomia a nível de graduação, no Brasil*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DO-

CUMENTAÇÃO 5. & JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5., Porto Alegre, 1977. *Anais*, Porto Alegre, 1977. v. 2, p. 158-182.

MULLER, Suzana P. M. *Avaliação do estado-da-arte da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, 1988.

O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

TARAPANOFF, Kira. Aspectos da pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1., Porto, jun. 1985. *4 informação em tempo de mudança*. Porto, 1985, p. 277-302. (Actas, 1)

2. Sobre isso, é interessante ressaltar a entrevista concedida pelo professor Rubens Borba de Moraes (ABDF. *Boletim Informativo*, v. 1, n. 7, p. 3-5, set 1988) e também a conferência proferida pela professora Ana Maria Polke na qual diz que o "papel que o bibliotecário geralmente se atribui é mais relacionado com a execução de tarefas e menos com o planejamento e desenvolvimento de ideias e estratégias de ação. Há, em escala considerável, evidências de que naquelas profissões mais frequentemente ligadas a instituições, tais como a Biblioteconomia, seus profissionais são vistos como empregados submetidos aos requerimentos das organizações a que servem". "O ensino da Biblioteconomia tem, conseqüentemente, reforçado em seus estudantes a importância da autoridade burocrática mais do que a contribuição independente do profissional". "O conteúdo curricular orienta a atuação do bibliotecário na linha predominantemente de execução de tarefas quando aprofunda a técnica e não leva em conta o ambiente contextual onde esta se aplica", (p. 77)
3. Esta visão pode ser apreciada, por exemplo, nos textos de:

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. O ensino de Biblioteconomia: um currículo a ser mudado. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 43-59, mar. 1973.

FERREIRA, Maria Luíza A. G. et al. Currículo mínimo de Biblioteconomia, *R- Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 92-99, mar. 1977.

MOSTAFA, Solange Puntel. Desafio à pesquisa de informação latino-americana: linha temática e linha metodológica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1., Salvador, 1980. *Anais*. Salvador: Febab, 1980. v. 1, p. 313-333.

Outro especialista (Paul Kaegbein), ainda sobre este assunto, afirma que "é de grande importância que a ação do bibliotecário não seja apenas formal no seu trabalho (...) sua formação deve levá-lo a ter capacidade de formar gerações. Desta maneira ele pode saber tomar decisões acertadas e de acordo com as condições socioculturais nas quais a biblioteca se encontra". (p. 88)

Já Vargas entende que "(...) o bibliotecário de modo geral apresenta um perfil, que nos pare-

- ce nem sempre ser o que os usuários de modo geral necessitam" p. 76. E Veiga, como que complementando o pensamento precedente, confirma que "(...) a função social do bibliotecário é relegada a segundo plano(...)". (p. 71)
4. A esse respeito, pode-se verificar que os documentos da Abebd - Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação, citados na bibliografia, ao final deste trabalho, reagem afirmativamente às ideias dos técnicos da área, como expresso na entrevista de Russo ou nas recomendações dos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação, como apresentada por Ferreira. Também a carta-circular n. 001/89 da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal é representativa das propostas de mudanças na legislação e que, ao final, não alteram o aspecto resistente do ensino de Biblioteconomia.
5. SOUZA, Francisco das Chagas de. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990. 116 p.
6. CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS (Brasil). *A pesquisa industrial no Brasil como fator de desenvolvimento*. Rio de Janeiro, 1968.
7. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). *Parecem. 326/62*. Resolução n. 08/82, de 29.10.82.
8. MUELLER, Suzana, P. M. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. *R. Bibliotecon. Brasília*, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989. p. 63.
9. É possível verificar no ABCD; *Resumos e Sumários*, volumes 1 e 2, que se começa a falar mais intensamente de usuários no Brasil em 1972 e que essa assimilação cresce cada vez mais à medida em que a década avança.
10. As partes de um documento condutoras de informação são denominadas de *microdocumentos* pelo matemático e bibliotecário indiano Ranganathan. Ver a respeito:
- RANGANATHAN, S. R. *The Colon Classification*. New Brunswick, N. J.; Graduate School of Library Service. Rutgers University, 1965. p. 9-10.
11. Conforme os textos de Vargas, Veiga e Mostafa citados ao final.
12. A esse respeito, podem-se ver os textos de Martins, Mattos e Polke citados ao final.
13. Isso, a depender de análise mais profunda a ser realizada no futuro, poderá levar à confirmação de algumas ideologias.
14. VIEIRA, Anna da Soledade; PAIM, Isis. Revisitando o mercado de informação: novo currículo, novo profissional. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 96-115, mar. 1989.
15. MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética. *R. Brasileira Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v. 14, n. 1/2, p. 47-51, jan./jun. 1981.
16. BARRETO, Aldo de Albuquerque. A formação de recursos humanos para otimizar a indústria da produção de conhecimento no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 113-116, jul./dez. 1990. p. 113, 114.
17. GOMEZ, Maria Nélide Gonzalez de. Oobjeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.
18. SOUZA, Helena de Miranda Rosa e. O papel do especialista de informação na modernização e profissionalização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 145-155, jul./dez. 1990.
19. Sobre essa discussão, é interessante observar em McGarry certas consequências da exploração da informação:
- "Temos (...) o fenômeno da fragmentação e especialização do conhecimento. Quatro séculos atrás, Francis Bacon podia proclamar ter reduzido todo o conhecimento ao seu domínio. E ainda no século XIX, Herman Von Hemholtz no auge de sua carreira, lecionava as cadeiras de fisiologia, patologia, anatomia e física. E como se tal não bastasse deu ainda substanciais contributos à óptica, à acústica, à fisiologia e à medicina, (p. 81)
- "Uma investigação sobre os cursos de engenharia em cinco universidades representativas dos Estados Unidos, mostrou que o número de cursos lecionados duplicava todos os dezesete anos. (p. 83)
- "As ciências físicas, e as tecnologias em particular, sofrem do fenômeno de obsolescência. Quanto mais rápido é o crescimento em descobertas e aplicações práticas mais depressa é ultrapassado o conhecimento anterior. Um jovem que em 1980 se diplomasse em Ciências ou Tecnologia podia ensinar e trabalhar com razoável confiança durante a validade do seu diploma. Calculou-se que um diploma em engenharia tirado em 1980 tem *uma meia-vida* de cinco anos. O tempo para atingir 50% de obsolescência tem vindo a decrescer de cerca de dez anos em 1945 até os cinco anos dos diplomas atuais" (p. 85).
- MCGARRY, K. J. *Da documentação à informação; um contexto em evolução*. Trad. António Sabler. Lisboa: Presença, 1984. 195 p.
20. REIMER, Everett. *A escola está morta; alternativas em educação*. Trad. Tonie Thompson. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 183 p. p. 66
21. COMISSÃO DA COMUNIDADE EUROPEIA. Mercado europeu de serviços da informação. *Cadernos de Bibliot., Arquiv. e Doc.*, Lisboa, n. 1, p. 3-13, 1989. p. 3, p. 4, p. 5.
22. ENTREVISTA. Ciência da Informação, Brasília, v. 20, n. 1, p. 85-93, jan./jun. 1991.
23. PRENTICE, Ann E. Jobs and changes in the technological age. *J. Library Administration*, New York, v. 13, n. 1/2, p. 46-57, 1990. p. 52-3.
24. JUROW, Susan. Preparing for library leadership. *J. Library Administration*, New York, v. 12, n. 2, p. 57-73, 1990. p. 58, p. 72.
25. Os próprios alunos do Curso de Especialização em Informação Tecnológica (CEIT), já realizado quatro vezes pelo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFSC, têm demonstrado este fato, a nível prático.
26. Ver o trabalho de TARGINO citado ao final.

BIBLIOGRAFIA

ABCD: Resumos e Sumários - Anquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação. Brasília: Capes; ABDF. v. 1 - 1980; v. 2-1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. Comissão para os Estudos de Currículo Mínimo de Biblioteconomia. *Curriculo mínimo de Biblioteconomia*; proposta de alteração a ser apresentada ao Conselho Federal de Educação. Brasília, maio de 1978. 13 f. (datil.).

_____, *Relatório II*; material recebido do Conselho Federal de Educação, s.l., 1979. 1 v. (datil.)

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL *Carta circulam. 001/89*, de 04.01.89; anteprojeto que altera dispositivo da Lei n. 4084. Brasília, 1989. 11 f. (mimeo).

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A formação de recursos humanos para otimizar a indústria da produção de conhecimento no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 19, n. 2, p. 113-116, jul./dez. 1990.

SARROS, Roque Spencer M. de. *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*. Apes. António Paim. São Paulo: Convívio; EDUSP, 1986.

BORDENAVE, Juan Diaz, PEREIRA, Adair M. *Estratégias de ensino aprendizagem*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CARDOSO, Irene de Arruda R. *A universidade da comunhão paulista; o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982.

CARDOSO, David. *História esquemática da educação e das universidades no mundo*; surto da primeira universidade do Brasil. Curitiba: Ed. UFPR, 1984.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. O ensino de Biblioteconomia; um currículo a ser mudado. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 43-59, mar. 1973.

COMISSÃO DA COMUNIDADE EUROPEIA. Mercado europeu de serviços da informação. *Cadernos de Bibliotec., Arquiv. e Doc.*, Lisboa, n. 1, p. 3-13. 1989.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS (Brasil). *A pesquisa industrial como fator de desenvolvimento*. Rio de Janeiro, 1968.

DIAS, António Caetano. *O ensino da Biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipase. Serviço de Publicidade, 1955.

ENTREVISTA com Laura Garcia Moreno RUSSO. *R. Brasileira Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v. 17, n. 1/2, p. 93-97, jan./jul. 1984.

ENTREVISTA com Rubens Borba de MORAES. *ABDF - Boletim Informativo*, Brasília, v. 1, n. 7, p. 3-5, set. 1988.

FAZENDA, Ivani Catarina A. *Educação no Brasil- anos 60; o pacto do silêncio*. São Paulo: Loyola, 1985.

- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro et al. 1954 - 1979: jubileu dos congressos de Biblioteconomia e documentação; ternários, autores, trabalhos apresentados, recomendações. Curitiba, 1979. 1 v.
- FERREIRA, Maria Luiza A. G. et al. Currículo mínimo de Biblioteconomia. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 92-99, mar. 1977.
- FIGUEIREDO, Nice M., ed. *O ensino de Biblioteconomia no Brasil*. Brasília: Capes, 1978. 3 v.
- _____, MENOU, Michel. Metodologia para avaliação de material didático da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação a nível de graduação. *R. Bibliotecon. Brasília*, v. 16, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 1988.
- FONSECA, Edson Neri da *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1979.
- FORESTI, Nóri A. B. A revista Ciência da Informação no contexto de sua instituição: algumas considerações. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 143-150, jul./dez. 1986.
- _____, MARTINS, Maria S. M. Revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação: produtividade de autores no período de 1980-1985. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 54-71, mar. 1987.
- FREIRE, Paulo. A educação de adultos e bibliotecas populares; considerações preliminares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa: APBPP, 1982. v. 2, p. 93-109.
- FURTER, Pierre. Les bibliothèques et l' éducation permanente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa; APBPP, 1982. V. 2, p. 29-52.
- GANDINI, Raquel P. C. Anísio Teixeira. Limites da pedagogia liberal. In: INTELIGÊNCIA brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 76-100.
- GAUDIBERT, Pierre. *Action culturelle; intégration et/ou subversion*. 3. ed. rev. et aug. s. 1., Casterman, 1977.
- GOMES, Sônia de Conti. *Biblioteca e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- GOMEZ, Maria Nélda González de. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GUEDES, Fernando. *O livro e a leitura em Portugal*; subsídios para a sua história; séculos XVIII e XIX. Lisboa: Ed. Verbo, 1987.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Catálogo de cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Brasília, 1982.
- JUROW, Susan. Preparing for library leadership. *J. Library Administration*, New York, v. 12, n. 2, p. 57-73, 1990.
- KAEGBEIN, Paul. A biblioteca na educação formal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa: APBPP, 1982. v. 2, p. 87-89.
- LANCASTER, F. W. O currículo de Ciência da Informação. *R. Bibliotecon. Brasília*, v. 17, n. 1, p. 1 - 20, jan./jun. 1989.
- LIMA, Etelvina. Bibliotecas em programas de alfabetização e educação de adultos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa: APBPP, 1982. v. 2, p. 111-125.
- MACEDO, Jorge B. de. Livros impressos em Portugal no século XVI; interesses e formas de mentalidades. In: *Os Lusíadas e a história*. Lisboa: Ed. Verbo, 1979. p. 23-73.
- MACEDO, Neusa Dias de. Pesquisa em ciência da Informação e Biblioteconomia: questões de base, implicações na pós-graduação; análise temática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 129-144, jul./dez. 1977.
- _____. Reflexões sobre "educação contínua para o bibliotecário". *R. Brasileira Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v. 18, n. 1/2, p. 52-61, jun. 1985.
- MANACORDA, Mário Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. Trad. Gaetano Lo Monaco; rev. trad. Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.
- MARTINS, Miriam Gusmão de. A biblioteca como instrumento de ação cultural; debate à comunicação de Victor Flusser. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa: APBPP, 1982. v. 2, p. 197-225.
- MATTOS, Maria Antonieta R. P. a de. Educação para Biblioteconomia a nível de graduação, no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9. & JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5., Porto Alegre, 1977. *Anais...* Porto Alegre, 1977. v. 2, p. 158-182.
- MCGARRY, K. J. *Da documentação à informação; um contexto em evolução*. Trad. Antônio Sábler. Lisboa Presença, 1984.
- MELO, José Marques de. A batalha pela democratização da leitura. In: *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. p. 28-48.
- MILANESI, Luiz. *Ordenar para desordenar; centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MIRANDA, Antônio. Revistas especializadas brasileiras em Biblioteconomia e Ciência da Informação; com ênfase na experiência da ABDF. *B. ABDF; Nova Série*, Brasília, v. 4, n. 4, p. 30-42, out./dez. 1981.
- MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história; uma abordagem dialética. *R. Brasileira Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v. 14, n. 1/2, p. 47-51, jan./jun. 1981.
- _____. Desafio à pesquisa de informação latinoamericana: linha temática e linha metodológica. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1., Salvador, 1980. *Anais...* Salvador: FEBAB, 1980. v. 1, p. 313-333.
- MUELLER, Susana P. M. *Avaliação do estado-da-arte da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, 1988.
- _____. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.
- _____. Perfil do bibliotecário; serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. *R. Bibliotecon. Brasília*, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.
- NADAI, Elza. *Ideologia do progresso e ensino superior*. São Paulo: Ed. Loyola, 1987.
- NEVES, Fernanda Ivo; MELO, Maria das Graças de Lima. Revistas brasileiras de biblioteconomia e documentação na década de 70. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1., Salvador, 1980. *Anais...* Salvador Capes, 1980. v. 1, p. 419-434.
- PINTO, Ana Maria B. A Biblioteconomia como agente do progresso social. In: JORNADA-SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., Porto Alegre, 1982. *Anais...* Porto Alegre: ARB, 1982. p. 32-40.
- POLKE, Ana Maria A. Biblioteca e educação formal; exposição preliminar para debate. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa APBPP, 1982. v.2, p. 75-85.
- POMPEU, Angela Lerche. Sistemas de informação para inovação industrial; problemas práticos. In: REUNIÃO CONTINENTAL SOBRE A CIÊNCIA E O HOMEM, México, jun. 1973. 20 f. (xerox).
- PRENTICE, Ann E. Jobs and changes in the technological age. *J. Library Administration*, New York, v. 13, n. 1/2, p. 47-57, 1990.
- RANGANATHAN, S. R. *The Colon Classification*. New Brunswick, N. J., Graduate School of Library Service. Rutgers University, 1965.
- REIMER, Evertt. *A escola está morta; alternativas em educação*. Trad. Tonie Thompson. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- ROBREDO, Jaime. Estudo preliminar sobre a vocação dos bibliotecários e a imagem da profissão entre os novos profissionais. *ABDF - Boletim Informativo*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 4-5, 8; mar. 1989.
- SCHWARTZMAN, Simon. A força do novo: por uma nova sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil. *R. Bras. de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 47-66, out 1987.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. *Formação de recursos humanos para a área de informação industrial*. 1 v. (inédito)
- _____. Perfil dos formandos em Biblioteconomia da UFSC. *Perspectiva*, revista do CED, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 20-38, jul./dez. 1985.
- SOUZA, Hamilton de. A biblioteca escolar ainda é um privilégio. *Nova Escola*, São Paulo, v. 2, n. 18, p. 6-13, dez. 1987.
- SOUZA, Helena de Miranda Rosa e. O papel do especialista de informação na modernização e

profissionalização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 145-155, jul./dez. 1990.

TARAPANOFF, Kira. Aspectos da pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1., Porto, 19-21 jun. 1985. *A informação em tempo de mudança*. Porto, 1985. p. 277-302. (Actas, v. 1)

TARGINO, Maria das Graças. *Conceito de biblioteca*. Brasília: ABDF, 1984.

TESSER, Ozir. O currículo e a produção do conhecimento: vinculação entre educação, trabalho e cidadania na perspectiva das classes populares. *Educação em debate*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 27-40, jul./dez. 1987.

UFSC. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. // *Curso de Especialização em Informação Tecnológica*. Florianópolis, 1985.

VARGAS, Lilia M. Adequação dos cursos de Biblioteconomia ao mercado de trabalho. In: JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., Porto Alegre, 1982. *Anais...* Porto Alegre: ARB, 1982. p. 72-81.

VEIGA, Evangelina de A. Ensino e Biblioteconomia. In: JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., Porto Alegre, 1982. *Anais...* Porto Alegre: AHB, 1982. p. 64-71.

VEIGA, Laura da Os projetos educativos como projetos de classe: Estado e universidade no Brasil (1954-1964). *Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 25-71, jan. 1982.

VIEIRA, Anna da Soledade; PAIM, Isis. Revistando o mercado de informação: novo currículo, novo profissional. *R. Escola Bibliotecon. UFMG*, Beto Horizonte, v. 18, n. 1, p. 95-115, mar. 1989.

Artigo aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.

Francisco das Chagas de Souza

Professor-adjunto do Departamento de Biblioteconomia e Documentação e vice-diretor do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal da Santa Catarina.

The academic construction of the Brazilian librarian: yesterday, today, tomorrow

Abstract

The author analyses the role of the Brazilian library school in the construction of the librarians. This construction produce professionals very isolated in the social context Therefore, the author thinks that the way for the change is a very long discussion directed by library school with the goal to transform the professional image of the Brazilian librarian.

Key words

*Library Science education/Brazil;
Professional education of the librarian.*

IBICT

Informação em dia para a ciência e tecnologia

A serviço da comunidade